

Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares

[PIOTTO, Débora Cristina (org.). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 273 p.]

Thiago Antônio de Oliveira Sá¹

Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL, Alfenas – MG, Brasil

Publicado em 2014, *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares* foi organizado pela professora adjunta do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP Débora Cristina Piotto, que inclusive assina um dos artigos. O livro reúne artigos que seguem uma agenda de pesquisa que tem como tema os casos improváveis de estudantes de camadas populares que logram ter acesso a cursos de alta seletividade em universidades públicas. Abordando a trajetória escolar, as vivências e a experiência universitária desses estudantes, os autores procuram compreender que fatores favorecem a longevidade e a excelência escolares em meios onde o destino mais provável é a escolaridade de curta duração. Os três primeiros capítulos analisam as condições que permitiram a estudantes pobres ingressarem em universidades públicas. O quarto capítulo examina tanto o acesso quanto a permanência no ensino superior, e os dois últimos se ocupam da permanência de estudantes pobres nas instituições públicas.

No prefácio, a professora Maria Alice Nogueira situa o livro no panorama teórico mais amplo da abordagem das desigualdades escolares a partir dos casos atípicos, excepcionais, de jovens socialmente desfavorecidos que obtêm êxito nos estudos. Segundo ela, os estudos de caso contidos no livro procuram conhecer as condições sociais que possibilitam trajetórias escolares incomuns ou, em outros termos, “compreender como o improvável se torna possível” (p. 07).

No capítulo 1, Maria José Braga Viana procura compreender em que consiste a excelência escolar nos meios populares. Ela toma por sujeitos de pesquisa os estudantes da UFMG beneficiários do programa Bom Aluno, que concede bolsas em escolas privadas de renome a estudantes de destaque das escolas públicas de Belo Horizonte. Os pesquisados se caracterizam pelas suas boas notas, pelo “bom comportamento” na sala de aula e por uma relação dócil com a escola, com os estudos e com o saber. Assim, na falta de capital cultural a se herdar, a excelência escolar destes jovens traz a marca da obsessão, da dedicação e da boa vontade cultural, e não da desenvoltura, do brilhantismo. Seguindo o argumento de Perrenoud, a autora conclui que a excelência escolar nos meios populares é obtida pela mobilização sistemática, laboriosa, pela constituição de um sistema de disposições em relação à cultura e à escola específico destes casos.

O objetivo de Wânia Maria Guimarães Lacerda, no capítulo 2, é compreender como indivíduos de famílias de fraco capital cultural e escolar construíram car-

¹ Professor assistente na Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. E-mail: oliveirasa@yahoo.com.br.

reiras escolares de excelência, ingressando no concorrido Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA. Os estudantes entrevistados por ela, apesar das condições desfavoráveis, concentram propriedades sociais e escolares que conduzem a estes percursos. Suas múltiplas e diversificadas influências socializadoras possibilitaram um patrimônio de disposições não restritas àquelas do *habitus* de classe. Por meio do contato com “personagens tutelares” (um parente ou professor, por exemplo), estes estudantes adquiriram propensão a investir na escola, a avançar na escolarização e a obter êxitos parciais. Além disso, o reconhecimento da mãe e a aceitação das regras do jogo escolar também permitiram a estes estudantes romper com seu destino mais provável e ingressar numa instituição pública altamente valorizada.

No capítulo 3, Maria do Socorro Medeiros de Souza procura conhecer as configurações sociais por trás das trajetórias de sete estudantes descendentes de migrantes dos seringais que ingressaram nos cursos mais seletivos da UFAC. Valendo-se das noções de “patrimônio de disposições incorporadas” de Bernard Lahire e de “configuração” de Norbert Elias, a autora encontra que as redes onde os estudantes se situam são fundamentais na constituição de disposições favoráveis à longevidade escolar: alguém que incentive e/ou acompanhe os estudos, que instile o valor dos estudos ou que sirva de referência escolar, etc. Neste sentido, a família, os sentidos atribuídos à escolarização e referências sociais são fundamentais para o êxito escolar. Portanto, conclui a autora, para além das condições sociais de existência, as condições de coexistência são fundamentais na construção de uma trajetória escolar de sucesso, ainda que em meios desfavoráveis.

Débora Cristina Piotto, no capítulo 4, discute o encontro e a convivência com a desigualdade social por parte de estudantes de camadas populares em cursos de alta seletividade da USP, tanto no percurso até a universidade quanto na experiência dentro dela. A autora aborda a dimensão subjetiva da vivência nesses espaços por estudantes cujo perfil socioeconômico contrasta com aqueles predominantes em seus respectivos cursos. A partir de entrevistas com cinco estudantes pobres, a autora constata que suas experiências universitárias se caracterizam pelos sentimentos de solidão, desenraizamento, isolamento e inferioridade. Mas destaca também que, para além do sofrimento, a vida acadêmica significou um mundo de novas possibilidades para estes estudantes e suas famílias: repensar os sentidos da escolarização, servir de exemplo para familiares mais jovens, fruição cultural, mobilidade social, etc.

No capítulo 5 Écio Antônio Portes discute as possibilidades e limites na vida universitária de estudantes pobres da UFMG. Seu foco é a experiência universitária de estudantes “não herdeiros”, cuja escolaridade não fez parte de um projeto antecipado e previdente de escolarização, afastado das urgências materiais e da necessidade de trabalhar. O autor relata o cotidiano, as diferenças socioeconômicas entre colegas, a relação com os professores e as estratégias dos universitários pobres que entrevistou, cujos rendimentos acadêmicos se veem comprometidos pela necessidade de terem de conciliar estudos e trabalho. O autor conclui que a vivência universitária destes estudantes “improváveis” nos cursos em que se encontram é marcada pelo sentimento da diferença, pela sensação de desenraizamento social, o que fica evidenciado inclusive nos laços de amizade que se estabelecem com os colegas, conforme semelhança de condições sociais.

Encerrando o livro, Wilson Mesquita de Almeida aborda a fruição da universidade pública por estudantes com desvantagens sociais. Acompanhando estudantes oriundos de camadas populares na USP, o autor destaca as dificuldades materiais e simbólicas enfrentadas por eles e elas. Uma vez que o ensino superior brasileiro – sobretudo público – é historicamente marcado pelo elitismo e pela exclusividade, a presença destes estudantes no ensino superior é responsável pela heterogeneidade que lentamente vem se constituindo neste espaço. Ali, são “novos estudantes”: diferem do aluno idealizado pelos professores, precisam conciliar estudos e trabalho, são de faixas etárias diversas, apresentam dificuldades com o trabalho acadêmico, advêm de escolas públicas, etc. Nesse sentido, urgem políticas universitárias mais democráticas, pois não há um empenho institucional em divulgar as políticas de permanência e assistência estudantis, que são descobertas pelos estudantes ao acaso.

Para além de uma tradição sociológica interessada apenas na relação entre posição de classe e resultados escolares, nas determinações objetivas e nas grandes regularidades macrosociológicas, os estudos de caso aqui reunidos retratam um conjunto de situações sociais específicas que permitem explicar trajetórias de êxito, de escolarização prolongada cuja probabilidade estatística era quase nula. Além de variáveis clássicas (renda, ocupação e escolaridade dos pais), estes autores concentram-se em elementos particulares de trajetórias bem-sucedidas (práticas de pais e filhos na escolarização). Lançando mão de intensa pesquisa qualitativa, dão visibilidade às ações dos sujeitos, contrariando certos estereótipos sobre os meios populares: que os pais são omissos, que os estudos nunca são valorizados, que a ordem moral doméstica preconiza apenas o trabalho. Enfim, os estudos reunidos no livro, atentos para configurações sociais particulares, explicam como alguns estudantes escapam do círculo vicioso e do destino de classe.

Palavras-chave: Camadas populares. Universidades públicas. Casos improváveis.

Keywords: Lower classes. Public universities. Unexpected cases.